

M 140  
M 640  
em 17.6.52  
Radio - Ago 64  
DN - 12.8.66  
FLU, Set. 1978  
RN

Rubem Braga 5. 10. 69  
D. Notícias

## As M<sup>o</sup>ças em Flor

AS m<sup>o</sup>ças em flor são assim. Sêres sem complicação, imagens amáveis da vida, mera paisagem, sem fundo, sem problemas.

Nós, monstros imaginativos, é que as vestimos de drama e de mistério. A m<sup>o</sup>ça aparece naquela rua; antes dela, milhões de m<sup>o</sup>ças passaram; depois, passarão milhões e milhões. Essa verificação seria suficiente para autorizar-nos a permanecer na atitude hindu em que nos achávamos, aguardando o fim do universo, diante de uma laranjada. Porém, não sei que diabo interior pega na m<sup>o</sup>ça e joga-a na laranjada e faz com que você a beba gole por gole, e a transporte para casa e encha com ela o sonho de sua noite e a encontre amanhã, no fundo do seu sapato, à hora honesta de calçá-lo.

Entretanto, se olhasse bem, você teria reparado que a m<sup>o</sup>ça continuou pela rua abaixo, pela vida abaixo, e tomou um ônibus e persignou-se diante da igreja e foi jantar em casa e depois foi para a porta da rua namorar o mecânico de Engenharia, e por último dormiu sem metafísica, com a sua personalidade intacta. Teria observado que ela era apenas um corpo dentro de um vestido, não há dúvida que todos dois muito bonitos, mas sempre corpo e sempre vestido. *A quoi rêvent les jeunes filles?*... Mas, meu pobre Musset, nós é que sonhamos nelas.

O poeta irônico de Cataguases dirá que, então, o recurso é não sonhar mais e dependurar as m<sup>o</sup>ças no cabide. Não. O recurso é amá-las. Amai, rapazes! — e, principalmente, amai m<sup>o</sup>ças lindas e graciosas; elas «dão remédio ao mal, aroma ao infecto, trocam a morte pela vida»... Conselho do ilustre Machado de Assis, que dessa maneira nos ensinava sutilmente a ir ao fundo de um sentimento, esgotando-o; porque só depois de ter viajado uma mulher é que se pode escrever-lhe a geografia. O que, me parece, é um pensamento de Carlos Drummond de Andrade.